

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A INTENCIONALIDADE EDUCATIVA NAS ATIVIDADES LÚDICAS

Ana Teresa Ribeiro de Castilho Mendes Mourão

Relatório final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientador: Prof. Doutor António Montiel

Ano letivo 2012/2013

Lisboa

Julho de 2013

À memória do meu avô António que infelizmente não teve a oportunidade de me ver chegar ao fim desta fase da minha vida.

Agradecimentos

Não poderia deixar de incluir neste relatório científico, as pessoas que o tornaram possível.

A toda a minha família, em particular à minha mãe, pois sem ela não teria conseguido ultrapassar todos os obstáculos desta fase mais crítica, e também pela ajuda incondicional na fase de estágio. Ao meu pai José, e irmãos André e Frederico, obrigada pelo apoio que me deram.

À minha prima Bárbara que esteve sempre disponível para me ajudar.

Aos meus grandes amigos, Raquel, Stephanie e Gonçalo e ao meu namorado André, obrigada por me aturarem quando eu estava mais cansada e com “mau feitio”.

Queria também agradecer às minhas amigas e futuras colegas de profissão, Carminho, Vera e Maria pela amizade e por terem sido as minhas parceiras de estudo. Sem vocês não teria sobrevivido a quatro anos deste curso.

Muito obrigado ao professor e meu orientador António Montiel, por toda a sua disponibilidade, que me deu nesta etapa importante da minha vida. Todo o seu contributo foi muito importante para mim.

Quero destacar ainda a professora Joaquina Duarte, minha orientadora nestes dois últimos estágios, muito obrigada por ter acreditado em mim e me ter dado o devido valor como futura educadora de infância.

Não posso deixar de agradecer às crianças, educadora e auxiliar da «Sala vermelha», e também às crianças, educadora e auxiliares da «sala dos bebés», por todo o carinho que me deram durante os meus últimos estágios. Toda a ajuda, compreensão e amizade que fui recebendo, foi muito importante para mim. Mais uma vez, obrigada.

Resumo

Considerando o relevo que as atividades lúdicas alcançam no dia-a-dia do jardim-de-infância, é importante refletir sobre a intencionalidade que as anima.

No presente trabalho, tenta-se mostrar em que medida havia autentica intencionalidade educativa nalgumas atividades lúdicas que apareceram no decorrer da minha prática pedagógica.

Suportados na literatura que sustenta as atividades lúdicas como estratégias e oportunidades de aprendizagem das crianças, mais quanto se refere à presença da intencionalidade educativa no próprio processo de aprendizagem, tentou-se avaliar se a intencionalidade do educador era reconhecido na fase do planeamento da atividade, na definição de objetivos, na condução da atividade e na sua avaliação final.

Abstract

Considering the importance that the playful activities reach on the day-by-day of kindergarten, it is important to reflect on the intention that animates them..

In this paper, we try to show to what extent there were some authentic educational play activities that appeared in the course of my pedagogical practice.

Derived from the literature that supports playful activities as strategies and learning opportunities for children, learning more about the presence of educational intention in the own learning process, we attempted to assess whether the intent of the educator was recognized in the planning phase of the activity, in the definition of objectives, in the conduct of the activity and its final evaluation.

Índice

Introdução.....	1
Quadro teórico	12
Metodologia de pesquisa.....	20
Análise interpretativa dos dados.....	26
Considerações finais.....	34
Referências bibliográficas.....	39

Introdução

No âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada em mestrado de pré-escolar, foi-nos proposta a execução de um Relatório final, cientificamente fundamentado, tendo por objeto a reflexão sobre o tempo de estágio curricular. Neste primeiro espaço introdutório tentarei caracterizar o meu percurso formativo, identificar as minhas motivações para o estudo, contextualizar o campo de estágio e as metodologias observadas, identificar o problema e as questões de investigação, além de apresentar a organização a que o trabalho obedece.

Entendido como corolário do percurso formativo profissionalizante e ligado à vivência da Prática de Ensino Supervisionada, o Relatório Final integra a consecução dos objetivos daquela e tem como o seu propósito fundamental, provocar uma reflexão crítica que parta da análise dos problemas do quotidiano profissional, no contexto mais amplo em que eles se inserem, e visando:

- Adquirir valores, atitudes e comportamentos adaptados a uma docência atenta aos objetivos da organização do ensino e, simultaneamente, às necessidades dos profissionais e às expectativas da comunidade educativa;
- Adquirir capacidade para compreender o conjunto dos recursos educativos da escola e dos parceiros educativos;
- Mobilizar e estruturar conhecimentos;
- Experimentar, pelo exercício fundamentado, as funções de educador/professor, através da participação do estagiário em diferentes atividades desenvolvidas na escola/sala onde realiza a PES;
- A construção de um projeto profissional futuro - de uma intencionalidade pedagógica, a partir da realidade observada e da formação inicial obtida.

Consequentemente, o trabalho que aqui irá ser apresentado tem como pano de fundo os contatos com a prática pedagógica vivenciados ao longo destes quatro anos de ensino superior e nos cinco períodos de estágio realizados. Com efeito, deparei-me com várias e variadas intervenções pedagógicas.

- No primeiro ano estagiei em creche, na sala de 1 aos 2 anos, numa instituição particular (“Ser criança”) em S. Pedro do Estoril.
- No segundo ano estagiei no Centro Paroquial e Social S. Domingos de Rana, na valência de jardim-de-infância, numa sala heterogénea (com crianças de 3, 4, 5 e 6 anos).
- No terceiro ano estive a estagiar no primeiro ciclo, numa primeira classe do Colégio Amor de Deus em Cascais. No quarto ano e último tive dois estágios no Centro Paroquial e Social de S. Domingos de Rana: primeiramente um mês e meio no berçário e, por último, três meses em jardim-de-infância com uma sala heterogénea (com crianças de 3,4, 5 e 6 anos).

Porque esta modalidade de Relatório visa especialmente a dialética de conhecimentos entre a experiência prática (considerada pertinente) e a teoria da formação recebida (construída a partir das tendências que marcam a evolução do conhecimento e influenciam os espaços educativos), o meu ponto de partida será, em concreto, na experiência do pré-escolar. Focalizando-me mais nos estágios de jardim-de-infância, preocupei-me por atender a duas características que cativaram o meu interesse: a intencionalidade educativa e a dimensão lúdica das atividades programadas.

Se o propósito fundamental deste Relatório é complementar a formação a partir do contacto com os profissionais em exercício, no seio das organizações escolares, atentas aos desafios do meio envolvente e a capacidade reflexiva fundamentada dos formandos sobre essa realidade, então eu queria concentrar-me nestas duas constatações:

- a) Por um lado, foi para mim notória a clara intenção pedagógica das atividades que observei no período de estágio. Certamente, não eram, de modo algum, um mero entreter crianças. O que se compreende na perspetiva do educador que se preocupa por ensinar.
- b) Também foi clara e compreensível a opção dos educadores por valorizar as atividades lúdicas no jardim-de-infância.

Esta dupla constatação constitui o facto motivacional para o presente relatório. Julgando que às orientações curriculares do pré-escolar são as que mais importam para preparar as crianças que vão para a primeira classe, o meu objetivo foi tentar reconhecer como é que uma atividade é lúdica, divertida e prazerosa, e ao mesmo tempo, preserva a intencionalidade educativa de corresponder aos diversos domínios das orientações curriculares: as áreas do domínio das expressões; do domínio da linguagem oral e abordagem á escrita; do domínio da matemática; e da área do conhecimento do mundo.

A consulta da literatura sobre a intencionalidade educativa nas atividades pedagógicas sugeriram-se procurar essa intencionalidade em três momentos:

- No momento em que o educador programa as atividades, tendo presente as orientações curriculares no planeamento da atividade e explicitando quais são os objetivos de aprendizagem que quer alcançar com as crianças.
- Depois, durante a atividade, o educador deverá também estar sempre atento ao que diz e ao que faz e às respostas que recebe das crianças, para aferir se elas estão a realizar a atividade de modo a alcançar os objetivos previstos.
- E, finalmente, o educador deverá avaliar as atividades tendo presente esses mesmos objetivos.

É mesmo assim que acontece? Posso constatar e demonstrar que nas atividades lúdicas realizadas durante o meu estágio houve essa intencionalidade educativa. Mas, quais os elementos que permitem reconhecer a intencionalidade educativa em atividades lúdicas? Esta é a pergunta genérica que tentarei responder e que, por sua vez, encerra outras três:

- Quais os elementos da planificação das atividades que revelam a intencionalidade educativa?
- Quais os elementos de condução das atividades que revelam a intencionalidade educativa?
- Quais os elementos da avaliação da atividade que revelam a intencionalidade educativa?

Este encadeamento de perguntas corresponde ao modelo de Relatório aqui desenvolvido, em que não se pretende limitar a um levantamento de dados, a uma mera descrição e comunicação de resultados ou da experiência ocorrida durante o período da prática de ensino supervisionada, nem apenas numa análise dos modelos observados ou de uma pesquisa focada num tema concreto, mas, antes, na tentativa de resolver uma problemática bem delimitada. Ainda que com as limitações de um trabalho ainda vinculado a uma fase de iniciação científica, deseja-se que seja uma primeira manifestação de um trabalho pessoal de pesquisa, com um carácter naturalmente demonstrativo, interpretativo e argumentativo.

E a resposta a essas perguntas, que dá a sequência ao Relatório, passa pelas seguintes etapas:

1. Terá um suporte de consulta teórica. Em concreto, recorreremos como referencial teórico, principalmente, ao conceito de alinhamento construtivo, desenvolvido pelo Professor John Biggs e que será apresentado no capítulo 1º. Com este referencial teórico tentarei obter uma resposta à pergunta formulada observando as atividades realizadas pela educadora onde decorreu o meu último estágio, com o propósito de verificar a sua intencionalidade educativa.
2. Para o efeito, tentarei concentrar-me na observação e análise de três atividades da sala orientadas pela educadora respeitando os critérios metodológicos descritos no capítulo 2 e recorrendo, em concreto, ao instrumento de uma entrevista semiestruturada com a educadora sobre a planificação e avaliação dessas três atividades selecionadas. E, por outro lado, seguindo uma grelha de observação, que permita analisar com maior objetividade e rigor o relatório/diário das atividades descritas. Tratar-se-á de uma grelha organizada por uma divisão nas três partes que já foram enunciadas (Definição dos objetivos, Condução da atividade e Avaliação da atividade). Para cada uma dessas três partes será necessário formular varias questões que apontem a expressões ou manifestações da intencionalidade. Por esse caminho de análise aos

conteúdos das entrevistas é que se espera poder tirar conclusões que sejam elucidativas quanto à pergunta original.

3. Ainda no Capítulo 2 deverá proceder-se a uma análise dos resultados. Partindo da informação organizada das grelhas de observação, será possível selecionar dados e relacionar elementos de modo a constatar alguns padrões de comportamento constantes e outros esporádicos, sobre os quais deverá debruçar-se a nossa atividade interpretativa e, como fruto dela, apontar para alguma ideia conclusiva.

Certamente, os constrangimentos de espaço e tempo condicionaram a extensão, profundidade e cuidado que teria sido desejável. No entanto, como os próximos capítulos poderão revelar, o Relatório constituiu uma importante oportunidade para estimular em mim as capacidades de observação, de reflexão, de análise, de síntese e de conceptualização, contribuindo, como era o seu objetivo, para a minha formação no sentido de uma prática de educação e ensino cientificamente fundamentada.

Capítulo 1.º: Quadro teórico

Para referenciar teoricamente o tema que nos ocupa da intencionalidade educativa das atividades lúdicas no contexto do Jardim de Infância, interessou-nos indagar por três caminhos.

1. Primeiramente, vale a pena recuperar a reflexão sobre a importância e o valor do jogo na criança.
2. Em segundo lugar, é relevante reconhecer a conexão possível e desejável entre o jogo e a aquisição de conhecimentos e competências na criança.
3. Em terceiro e último lugar, importa-nos encontrar elementos que nos permitam avaliar a intencionalidade educativa nas atividades lúdicas.

1. O Jogo no Jardim de Infância

A importância do jogo no jardim-de-infância decorre necessariamente da importância do jogo na criança.

“O jogo é um dos mecanismos dentro e fora da escola capazes de auxiliar a criança a apreender o conjunto das riquezas produzidas pela humanidade, gerando revoluções no desenvolvimento infantil.” (Leontiev citado por Alessandra Arce, pág. 23)

Talvez a vida toda seja um jogo, também na vida adulta, em que andamos à volta do que nos anima, diverte ou, em geral, nos motiva. E motiva-nos a novidade, o desafio, o movimento, as cores, o que é bonito ou apreciável, o mistério, a vontade de vitória.

Mas os adultos estão mais prontos a reconhecer essas dinâmicas nas crianças. Talvez porque elas não têm “pudor” em dizer que pretendem “brincar”. Parece que brincar não seria um assunto sério para um adulto.

Na criança, aceita-se a brincadeira porque não tem que se ocupar com outros deveres, mas também e sobretudo, porque é na brincadeira que mais facilmente ela aprende tudo o que lhe convém saber, desde conhecimentos teóricos, até habilidades práticas ou a desempenhar variados papéis sociais.

“A criança que constrói alguma coisa com material aprende a aceitar e a concluir um dever.” (Ch. Buhler, pág.118)

“Quem diz jogo, diz ao mesmo tempo esforço e liberdade, e uma educação pelo jogo deve ser forte de dificuldade física da mesma maneira que alegria moral.” (Jean Chateau, pág.128)

“Em um jogo, as condições da ação podem ser modificadas: pode-se usar papel, em vez de algodão; um pedacinho de madeira ou um simples pauzinho, em vez de agulhas; um líquido imaginário em vez de álcool, mas o conteúdo e a sequência da ação devem, obrigatoriamente, corresponder à situação real. (...) É preciso acentuar que a ação, no brincar, não provém da situação imaginária mas, pelo contrário, é essa que nasce da discrepância entre a operação e a ação; assim, não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela.” (Leontiev, 1988, p. 126-127 Citado por Alessandra Arce)

2. A intencionalidade educativa das atividades lúdicas no jardim-de-infância

Uma rápida consulta de literatura permite-nos desde logo constatar a valorização da intencionalidade educativa nas atividades lúdicas, quer no desenvolvimento pessoal como na aprendizagem das ciências. Essa constatação é refletida nas citações que são recolhidas nos próximos parágrafos.

a. O desenvolvimento pessoal e social

- “Os jogos servem, particularmente, para promover o desenvolvimento da cooperação, porque as crianças são motivadas, pelo divertimento do jogo, a cooperar voluntariamente com os outros, seguindo as regras. Jogos requerem, em grande parte, adequação e coordenação interindividual, e as crianças são motivadas a usar a inteligência para compreender o jogo.” (Constance K.R. Devries, 1992.p.73)
- “O jogo ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo proporciona condições para a aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco. A

conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamentos que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro ou punição.” (KISHIMOTO, 1998, p. 140).

- “A atividade lúdica deve apresentar uma proposta e um objetivo, que possuem como referência o crescimento do ser humano na sua integridade.” (Kraemer, M.L 2007, p.9)

b. A Aprendizagem das ciências

- “O jogo não é o fim, mas o eixo que conduz a um conteúdo didático específico, resultando em um empréstimo da ação lúdica para a aquisição de informações.” (Kishimoto,1996, citado por Lunardi L.M, Bortoloto T. M, Felício, A. K. C. pág. 48).
- “A utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna típica do lúdico” (Kishimoto, 1996, p.37)
- “Ciência para as crianças como um processo que lhes interpela o pensamento e incita à ação na busca de superiores níveis de conhecimento e compreensão do mundo físico-natural envolvente” (Sá 2000, p.57)
- “A educação de infância é um contexto privilegiado e facilitador de aprendizagens no domínio das ciências, possibilitando que as crianças se iniciem em procedimentos e formas de pensar próprias da construção do conhecimento científico” (Martins, 2009).

3. Elementos que manifestam a intencionalidade educativa nas atividades lúdicas.

Com a intenção de identificar os elementos que revelam a intencionalidade educativa em atividades lúdicas, vamos, num primeiro momento, consultar as orientações curriculares para o pré-escolar descrito pelo Departamento da Educação Básica do Ministério da Educação.

Nesse documento encontramos referenciados os dois elementos fundamentais da nossa reflexão: a valorização das atividades lúdicas e a promoção da intencionalidade educativa da educação.

Com efeito, as Orientações Curriculares defendem a importância do carácter lúdico das atividades para uma aprendizagem bem-sucedida, tornando a criança parte ativa de todo o processo, e partindo do que a ela sabe:

1. “Adotar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionais” sem sentido para as crianças, nem menosprezar o carácter lúdico de que revestem muitas aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal.” (Orientações Curriculares para o Pré-escolar, 1997, p.18)
2. “A educação pré-escolar cria condições para o sucesso escolar de aprendizagem de todas as crianças”. (Orientações Curriculares para o Pré-escolar, 1997, p.18)

Entendendo que as atividades de carácter lúdicas são aqui incentivadas como estratégia de aprendizagem aplicável às várias áreas de conteúdo, será natural que nelas transpareça a intencionalidade educativa que, seguindo ainda as Orientações Curriculares do pré-escolar, passa pelas seguintes etapas:

- Observar – conhecer a criança e o seu grupo, e perceber as suas necessidades.
- Planear – definir os objetivos (a intencionalidade) e as atividades realizadas.
- Agir – concretização da ação tendo em conta as suas intenções educativas.
- Avaliar - avaliação dessa ação, que influencie, também, planeamentos futuros.
- Comunicar – comunicar essa avaliação aos pais e às crianças como forma de participação de todos no processo educativo.
- Articular – garantir continuidade educativa, isto é, a adequada preparação das crianças para a entrada no primeiro ciclo.

Estas etapas do processo reflexivo que define a intencionalidade educativa, e que caracteriza a atividade profissional do educador devem estar presentes em todas as atividades, também nas lúdicas. O nosso propósito é precisamente

identificar os elementos que nos mostrem como é que a intencionalidade educativa está presente nas atividades lúdicas que promove o educador.

Para o efeito, iremos servir-nos do conceito de alinhamento construtivo proposto por John Biggs.

O conceito, de alinhamento construtivo permite-nos, em primeiro lugar, concentrar os elementos que revelam a intencionalidade educativa em três momentos:

- a) O momento de definição dos objetivos.
- b) O momento da planificação e realização da atividade.
- c) O momento de avaliação da atividade.

Mas a singularidade do conceito de Biggs situa-se na proclamação de sintonia ou alinhamento que deve ocorrer entre os objetivos, as atividades e a avaliação das atividades, para que seja possível constatar uma intencionalidade educativa.

É certo que Biggs não está a referir-se à educação pré-escolar. O autor mostra-se mais preocupado com níveis superiores do ensino (até ao universitário). A atenção de Biggs está centrada nesses professores que, condicionados pelo cumprimento dos programas das disciplinas, acabam por descurar a adequação entre os objetivos de aprendizagem e o modo como conduzem as suas aulas e as avaliam.

Mas, no entanto, a preocupação de Biggs é também válida para o educador de infância. Se o educador não tem a mesma “pressão” dos conteúdos (que ocorre em níveis de escolaridade superior), pode acontecer outro tipo de pressão. Por exemplo, a “pressão” por ocupar de forma divertida um grupo de crianças ou a “pressão” por preparar uma das muitas festas que percorrem o ano escolar.

Em concreto, o conceito de alinhamento construtivo de Biggs alerta-nos para a necessidade de a intencionalidade pedagógica transparecer na coerência entre os objetivos de uma atividade, a atividade propriamente dita e a avaliação que dela é feita (ver esquema 1).

Porque, como o próprio Biggs adverte, existem os seguintes riscos no ato educativo.

- O risco de existirem:

- Objetivos e atividades alinhados entre si, mas com uma avaliação desalinhada.
- Objetivos e avaliação alinhados entre si, mas com as atividades desalinhadas.
- Avaliação e atividades alinhadas entre si, mas desalinhadas dos objetivos.
- Objetivos, atividades e avaliação desalinhados entre si.

Esquema 1:



Transferindo estas noções para o âmbito que nos interessa neste trabalho, podemos inferir que a intencionalidade educativa das atividades lúdicas na educação de infância deverá manifestar-se na sintonia entre:

- O planeamento da atividade da educadora (objetivos da aprendizagem coerentes com as atividades propostas),
- A realização da própria atividade

- E, finalmente, a avaliação que o educador faz sobre o proveito alcançado.

Neste momento torna-se possível e necessário recuperar as questões que foram apresentadas na introdução: quais são os elementos que permitem reconhecer a intencionalidade educativa tanto na planificação, na condução como na avaliação de atividades lúdicas?

Para dar uma resposta que seja esclarecedora e, também, que nos permita construir instrumentos de observação, podemos basear-nos no conceito intencionalidade da mediação educativa que foi descrito pelo psicopedagogo Reuven Feuerstein que Beltrán (2008) sintetiza da seguinte maneira:

“A intencionalidade refere-se ao cuidado do mediador por comunicar a sua intenção ou propósito, por mostrar que esses estímulos não são factos do acaso, de modo que o mediado corresponda (reciprocidade) dando atenção ao modo como lhe são apresentados os estímulos e possa progressivamente ir substituindo o mediador no seu processo de aprendizagem.” (Beltrán M, Gutiérrez B, e Vilaró F, págs 84-91)

Em sintonia com este conceito de intencionalidade de Feuerstein, Beltrán (2008) e Tebar (1991) apresentam, respetivamente, uma lista de manifestações de intencionalidade na relação professor-aluno (Beltrán) e na relação pais-filhos (Tebar).

Segundo esses autores, essas listas recolhem manifestações da intencionalidade educativa e, para nós, são uma oportunidade inspiradora face ao nosso propósito de identificar manifestações de intencionalidade do educador nas atividades lúdicas no jardim-de-infância.

Transcrevemos a seguir essas duas listas de manifestações.

- a) Manifestações de intencionalidade na relação professora-aluno, segundo Beltrán (data e página):
 - É pontual e tem o material preparado
 - Tem a aula bem organizada
 - Cria na turma um ambiente propício para a aprendizagem
 - Estimula o interesse e a motivação dos alunos pelo tema tratado

- Os alunos escutam e respondem ao professor
 - Verifica o trabalho pessoal
 - Manifesta interesse pelos alunos e seus trabalhos
 - Exprime alegria pelos acertos dos alunos
 - Explica novamente os conceitos não compreendidos
 - Manifesta interesse particular pelos alunos mais lentos e passivos
 - Escuta pacientemente as perguntas e as responde amavelmente
- b) Manifestações da intencionalidade na relação pais-filhos, segundo Tebar (1991):
- Consegue que a criança entenda o conteúdo das mensagens
 - Aceita as suas respostas e reações
 - Fazer que repitam mensagens com clareza
 - Oferecer-lhes modelos de expressão e comportamento
 - Estabelecer contacto visual, proximidade e contacto físico
 - Explicar com clareza conceitos e palavras novas
 - Põe ênfase e expressividade quando se lhes fala
 - Oferecer estímulos novos e chamativos
 - Criar ambientais estimulantes e agradáveis
 - Regula as respostas conforme seja requerido na interação
 - Controla a reciprocidade em caso de conflito cognitivo

As referências teóricas aqui recolhidas constituem o fundamento que nos permitirão construir instrumentos adequados para reconhecer a intencionalidade educativa que são manifestas na planificação, condução e avaliação de atividades lúdicas no terreno, no concreto. O próximo capítulo, que descreve a metodologia de investigação usada neste Relatório, deverá ter presente, necessariamente, os conceitos e as informações do capítulo que agora se encerra.

Capítulo 2.º: Metodologia de pesquisa

Tendo presente quanto foi possível aprendi nos referencias teóricos antes descritos, centrarmo-nos neste capítulo no propósito de ver como é que a intencionalidade educativa está presente nalgumas das atividades lúdicas que foram realizadas durante o meu período de estágio.

Como foi anunciado no capítulo introdutório, a finalidade do relatório é avaliar a intencionalidade educativa de algumas atividades lúdicas concretas, vivenciadas na minha prática direta enquanto estagiária num jardim-de-infância.

Neste contexto, o caminho que agora iniciamos se nos propõe como próprio de uma investigação qualitativa.

“O tratamento da informação qualitativa é um processo muito mais ambíguo, moroso, reflexivo, que se concretiza numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento.” (Natércio Afonso, 2005, pág.118)

“A realidade não será objetiva nem apenas uma única, admitindo-se a sua apreensão subjetiva e tantas interpretações da realidade quantas os indivíduos que a consideraram. Em vez da procura de leis que possam ser extensíveis a toda a população, os estudos deste tipo procuram compreender o mecanismo, e como funcionam certos comportamentos, atitudes e funções.” (Alberto B. Sousa, 2005, pág. 31)

Tendo, pois, o paradigma da investigação qualitativa e consciente dos constrangimentos temporais que me são impostos, decidi concentrar-me apenas em três atividades lúdicas:

- O jogo do barqueiro
- O intruso
- O geoplano

Quanto aos instrumentos de trabalho, para podermos analisar a intencionalidade educativa nessas três atividades recorreremos a dois instrumentos de recolha de informação: Os registos ou diários de cada

atividade, que se encontram em anexo e a Entrevista semiestruturada à educadora da sala.

a) Quanto à realização de registos ou diários de cada atividade, que se encontram em anexo, seguiram-se as seguintes recomendações metodológicas.

- “ São usados nos sistemas narrativos, tratando-se essencialmente de retrospectivas escritas em que se regista a própria experiência vivencial ou se relatam acontecimentos e comportamentos observados.” (Alberto B. Sousa, 2005, pág.260)
- “Relatam essencialmente o registo de acontecimentos diários, como um “Diário de Bordo” (Alberto B. Sousa, 2005, pág.260)
- “ A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e questionários.” (Natércio Afonso, 2005, pág. 91)
- “A observação em educação destina-se essencialmente a pesquisar problemas, a procurar respostas para questões que se levantem e a ajudar na compreensão do processo pedagógico” (Alberto B. Sousa, 2005, pág.109)
- “Os produtos da observação tomam geralmente a forma de registos escritos pelo investigador, ou registos em vídeo realizados pelo investigador ou por outrem sob a sua orientação.” (Natércio Afonso,2005, pág. 91 e 92)

Em anexo encontram-se os diários das três atividades. São documentos que identificam a atividade, a contextualiza no espaço e no tempo em que se realiza e descreve como ela ocorreu, fazendo por vezes menção a certos diálogos entre as crianças e a educadora.

b) Porque os registos diários apenas nos davam informações sobre a realização da atividade e não nos falava de como tinham sido programados e avaliados, foi necessário recorrer a este instrumento da entrevista à educadora.

- “A entrevista é um instrumento de investigação cujo sistema de colecta de dados consiste em obter informações questionando diretamente cada sujeito.” (Alberto B. Sousa, 2005, pág. 247)
- “A realização de entrevistas (...) consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face (...).” (Natércio Afonso, 2005, pág. 97)
- “As entrevistas semiestruturadas (...). Em geral, são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista semiestruturada. O guião deve ser construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projeto de investigação.” (Natércio Afonso, 2005, pág. 99)

Na sua preparação tiveram-se presentes as seguintes recomendações metodológicas que a literatura sugere quanto a este instrumento de investigação:

- “1) Planeamento da entrevista, tendo em vista o objetivo a ser alcançado;
 - 2) Conhecimento prévio do entrevistado, procurando conhecer objetivamente o grau da sua familiaridade com o assunto em estudo;
 - 3) Oportunidade da entrevista: marcação com antecedência do local, da data e da hora para a entrevista, assegurando-se o entrevistador previamente de que irá ser recebido;
 - 4) Confidencialidade: garantir ao entrevistado o segredo da sua identidade e das suas respostas;
 - 5) Autorizações, das direções das escolas, dos professores e dos pais, para proceder às entrevistas;
 - 6) Conhecimento prévio do campo, o que evita desencontros e perdas de tempo;
 - 7) Preparação específica: organização do guião com a sequência das perguntas a efetuar.”
- (Ghiglione e Matalon, citados por Alberto B. Sousa, 2005, pág.250)

Coerentemente com estes registos e tendo presente as ideias de Biggs quanto ao alinhamento construtivo, optamos por elaborar um guião dividido em três partes:

- A propósito da intencionalidade na definição dos objetivos

- A propósito da condução da atividade
- A propósito da avaliação da atividade

O guião da entrevista contemplou os seguintes elementos:

- a) Uma lista de possíveis manifestações da intencionalidade (na definição dos objetivos, condução da atividade e avaliação).
- b) Uma pergunta aberta para saber se reconhecia que estas ideias eram expressas da intencionalidade educativa.
- c) Outra pergunta aberta sobre quais dessas manifestações da intencionalidade eram mais difíceis de realização no dia-a-dia e porquê.

Quanto às listas de possíveis manifestações da intencionalidade, que foram apresentados na entrevista, optou-se por uma construção em grelha que obedeceu aos seguintes condicionalismos:

- a) São inspirados na literatura que suportou o capítulo de referências teóricas. Nomeadamente as manifestações da intencionalidade na relação professor- aluno e pais-filhos já previamente referidas e que novamente listamos.

Manifestações da intencionalidade na relação professor-aluno:

- É pontual e tem o material preparado
- Tem a aula bem organizada
- Cria na turma um ambiente propício para a aprendizagem
- Estimula o interesse e a motivação dos alunos pelo tema tratado
- Os alunos escutam e respondem ao professor
- Verifica o trabalho pessoal
- Manifesta interesse pelos alunos e seus trabalhos
- Exprime alegria pelos acertos dos alunos
- Explica novamente os conceitos não compreendidos
- Manifesta interesse particular pelos alunos mais lentos e passivos
- Escuta pacientemente as perguntas e as responde amavelmente

Manifestações da intencionalidade na relação pais-filhos:

- Conseguir que a criança entenda o conteúdo das mensagens
- Aceitar as suas respostas e reações
- Fazer que repitam mensagens com clareza
- Oferecer-lhes modelos de expressão e comportamento
- Estabelecer contacto visual, proximidade e contacto físico
- Explicar com clareza conceitos e palavras novas
- Pôr ênfase e expressividade quando se lhes fala
- Oferecer estímulos novos e chamativos
- Criar ambientais estimulantes e agradáveis
- Regular as respostas conforme seja requerido na interação
- Controlar a reciprocidade em caso de conflito cognitivo

b) Serviu de grelha de observação que iria permitir analisar, não apenas a entrevista, como o conteúdo dos registos.

Na grelha usamos uma escala de 0 a 4 em que cada valor tinha o seguinte registo:

- 0- Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação.
- 1- Não foi observado esse critério durante a sessão observada.
- 2- Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação.
- 3- Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência.
- 4- Apareceu esse critério de forma explícita e frequente.

Para nos aproximarmos da análise dos dados e retirar conclusões, foi necessário passar por um processo de elaboração que se resume nos seguintes pontos:

1. Leitura, correção e arrumação dos registos diários de modo a facilitar uma melhor compreensão de quem pudesse posteriormente vir a consultar.

2. Realizar a entrevista em registros feitos na aula, por escrito.
3. Avaliação quantitativa dos elementos que constam nas grelhas de observação.
4. Descrição justificativa de cada uma da avaliação quantitativa.
5. Enumerando os pontos fortes observados que revelam intencionalidade educativa.
6. Enumerar os pontos fracos observados.

Capítulo 3.º: Análise interpretativa dos dados

A análise interpretativa dos dados inicia-se desde o momento número 3 dos 6 passos processuais descritos, isto é, desde que tentámos verter os registos das atividades em tabelas que quantificavam nas grelhas de observação as expressões de intencionalidade educativa que foram observadas.

Tendo presente a escala acima anunciada podemos resumir todos os dados nas tabelas das próximas páginas, que nos permitem observar os seguintes factos nas três fases de preparação, condução e avaliação da atividade:

Na fase da preparação

MANIFESTAÇÕES DA INTENCIONALIDADE EDUCATIVA NA FASE DE PROGRAMAÇÃO DA ATIVIDADE	Geoplano	O Intruso	Que Linda falua
(1) Tem decidido com antecedência o que vai fazer na aula?	3	4	4
(2) A decisão é escolhida seguindo um plano de atividades estabelecida no início do ano ou do período?	3	2	3
(3) Tem clara noção de um objetivo de aprendizagem associado à atividade?	3	3	3
(4) Tem registo escrito do objetivo de aprendizagem da atividade?	0	2	1
(5) Está redigido o objetivo com o verbo no infinitivo que expresse a aprendizagem pretendida?	0	4	0
(6) Revela uma seleção de atividade que julga atrativas para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos?	3	4	4

1. A educadora mantém a mesma postura de preparar antecipadamente as atividades de acordo com o plano anual de atividades previsto desde o início do ano académico.
2. Também parece claro que a seleção da atividade tem em conta o que julga poder ser mais atrativo para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos.
3. Onde surge maior discrepância é no que se refere ao registo escrito da programação da atividade, que só existe num dos casos. Este facto

impede a verificação dos objetivos que presidiram à realização da atividade.

Na fase da condução da atividade

MANIFESTAÇÕES DA INTENCIONALIDADE EDUCATIVA NA FASE DE CONDUÇÃO DA ATIVIDADE	Geoplano	O Intruso	Que linda falua
	(1) Tem no início da aula todo o material e organização necessária?	4	4
(2) Investe na criação de um ambiente propício para a realização da atividade?	4	4	4
(3) Apresenta de forma estimulante a atividade aos alunos?	1	4	3
(4) Expressa claramente e dá exemplos ilustrativos de qual é o desafio ou objetivo que se propõe avaliar durante a atividade?	2	4	2
(5) Os alunos mostram serem conscientes do desafio/objetivo da atividade?	2	3	2
(6) Repete e reformula o desafio/objetivo da atividade com frequência?	4	3	1
(7) Mantém contato visível e proximidade para garantir que todos os alunos estejam a corresponder ao solicitado?	4	4	3

1. A educadora parece revelar uma contínua preocupação por cuidar os pré-requisitos da realização da atividade, tanto pela organização e preparação dos materiais, como pela criação do ambiente de turma mais adequado.
2. As variações observadas nas outras manifestações (apresentação da atividade de forma estimulante para os alunos, apresentação de exemplos ilustrativos, tornar consciente o desafio e reformulá-lo com frequência) podem ser sinal (provavelmente, não necessariamente) de uma atitude da educadora mais reativa do que proactiva na mediação da intencionalidade educativa.

Na fase da avaliação da atividade

MANIFESTAÇÕES DA INTENCIONALIDADE EDUCATIVA NA FASE DE AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE	Geoplano	O Intruso	Que linda falua
(1) Faz um balanço no final da atividade sobre o modo como decorreu?	3	0	0
(2) Consegue diferenciar os alunos que corresponderam ou não corresponderam aos objetivos?	3	2	2
(3) Faz algum registo escrito sobre como decorrem as atividades?	0	0	0
(4) Faz algum registo escrito de avaliação dos alunos nessa atividade?	0	0	0

1. Os valores introduzidos nesta última tabela são por si elucidativos das ocasiões em que foram observadas atitudes claramente contrárias à intencionalidade educativa que seria adequada enquanto critério de mediação.
2. De facto, se se reconhece uma avaliação informal que permita diferenciar os alunos que correspondem aos objetivos e identificar os que tiveram maior dificuldade, no entanto falta o momento formal de fazer um registo de como decorre cada atividade ou de como foi que cada aluno correspondeu aos desafios propostos pela educadora.
3. Aliás, apenas numa das três atividades observadas é que apareceu de forma explícita um momento de balanço final da atividade. Um balanço que, certamente, não parece ser habitual.

Mais. Desde o momento em que não há uma avaliação diferenciada de cada aluno no final de cada atividade e nem sequer é habitual um balanço global, é provável que o parâmetro que refere uma diferenciação entre os alunos se reduza, apenas, a uma destas duas situações: à diferenciação feita durante a atividade que orienta a educadora a quem ajudar em cada momento ou à diferenciação que as crianças merecem na perceção da educadora no geral e não na concreta atividade de cada dia.

Numa tentativa de sintetizar a análise das três tabelas anteriores e ver quais as manifestações mais evidentes das menos presentes podemos olhar para a próxima tabela em que é somada a pontuação atribuída a cada manifestação da intencionalidade nas três atividades observadas. Como a pontuação era de 0 a 4, a pontuação máxima será de 12 pontos e, portanto, poderemos julgar que há:

- Forte intencionalidade educativa, entre 9 e 12 pontos. Serão destacados com fundo azul.
- Média intencionalidade educativa, entre 5 e 8 pontos. Serão destacados com fundo amarelo.
- Fraca intencionalidade educativa, entre 0 e 4 pontos. Serão destacados com fundo encarnado.

NA FASE DE PROGRAMAÇÃO DA ATIVIDADE	(1) Tem decidido com antecedência o que vai fazer na aula?	11
	(2) A decisão é escolhida seguindo um plano de atividades estabelecida no início do ano ou do período?	8
	(3) Tem clara noção de um objetivo de aprendizagem associado à atividade?	9
	(4) Tem registo escrito do objetivo de aprendizagem da atividade?	3
	(5) Está redigido o objetivo com o verbo no infinitivo que expresse a aprendizagem pretendida?	4
	(6) Revela uma seleção de atividade que julga atrativas para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos?	11
NA FASE DE CONDUÇÃO DA ATIVIDADE	(1) Tem no início da aula todo o material e organização necessária?	12
	(2) Investe na criação de um ambiente propício para a realização da atividade?	12
	(3) Apresenta de forma estimulante a atividade aos alunos?	8
	(4) Expressa claramente e dá exemplos ilustrativos de qual é o desafio ou objetivo que se propõe avaliar durante a atividade?	8
	(5) Os alunos mostram serem conscientes do desafio/objetivo da atividade?	7
	(6) Repete e reformula o desafio/objetivo da atividade com frequência?	8
	(7) Mantém contato visível e proximidade para garantir que todos os alunos estejam a corresponder ao solicitado?	11
NA FASE DE AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE	(1) Faz um balanço no final da atividade sobre o modo como decorreu?	3
	(2) Consegue diferenciar os alunos que corresponderam ou não corresponderam aos objetivos?	7
	(3) Faz algum registo escrito sobre como decorrem as atividades?	0
	(4) Faz algum registo escrito de avaliação dos alunos nessa atividade?	0

Conseqüentemente, podemos neste momento reconhecer que a intencionalidade educativa das três atividades observadas é, atendendo aos três momentos da sua planificação, condução e avaliação, como se segue:

a) Com forte intencionalidade educativa (entre 9 e 12 pontos), no sentido em que:

- Tem decidido com antecedência o que vai fazer na aula
- Tem clara noção de um objetivo de aprendizagem associado à atividade.
- Revela uma seleção de atividade que julga atrativas para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos
- Tem no início da aula todo o material e organização necessária
- Investe na criação de um ambiente propício para a realização da atividade
- Mantém contato visível e proximidade para garantir que todos os alunos estejam a corresponder ao solicitado

b) Com média intencionalidade educativa (entre 5 e 8 pontos), no sentido em que:

- A decisão é escolhida seguindo um plano de atividades estabelecida no início do ano ou do período
- Apresenta de forma estimulante a atividade aos alunos
- Expressa claramente e dá exemplos ilustrativos de qual é o desafio ou objetivo que se propõe avaliar durante a atividade
- Os alunos mostram serem conscientes do desafio/objetivo da atividade
- Repete e reformula o desafio/objetivo da atividade com frequência
- Consegue diferenciar os alunos que corresponderam ou não corresponderam aos objetivos

c) Com fraca intencionalidade educativa (entre 0 e 4 pontos), no sentido em que:

- Tem registo escrito do objetivo de aprendizagem da atividade

- Está redigido o objetivo com o verbo no infinitivo que expresse a aprendizagem pretendida
- Faz um balanço no final da atividade sobre o modo como decorreu
- Faz algum registo escrito sobre como decorrem as atividades
- Faz algum registo escrito de avaliação dos alunos nessa atividade

Se ainda insistirmos no nosso olhar aos números das tabelas anteriores, podemos também constatar as seguintes duas circunstâncias:

1. As manifestações de intencionalidade educativa menos observadas (destacadas na tabela com a cor encarnada):
 - a. Concentram-se no momento da avaliação da atividade;
 - b. Não aparecem no momento da condução da atividade;
 - c. Aparece no momento da planificação, mas apenas no que se refere ao registo por escrito dos objetivos de cada atividade.
2. As manifestações de intencionalidade educativa mais observadas (destacadas na tabela com a cor azul):
 - a. Concentram-se tanto no momento da planificação como da condução da atividade;
 - b. Não aparece no momento da avaliação da atividade.

Deste modo, o presente Relatório caminha para uma fase conclusiva e de tirar inferências, pelo menos no sentido de orientar futuras reflexões e preocupações:

Primeiramente, sem pôr em causa a importância e a potencialidade educativa das atividades lúdicas, parece certo que, pelo menos nas atividades que foram objeto do nosso estudo, existe essa intencionalidade na educadora tanto na programação como na condução da atividade e na interação com as crianças.

No entanto, parece também que o alinhamento construtivo não está suficientemente garantido e isso por vários motivos:

1. Porque reduzida a definição das atividades ao momento da planificação anual pode reduzir no educador a presença dos objetivos de aprendizagem que motivaram a seleção dessa atividade.

2. Porque a ausência de um momento formal de balanço e avaliação pode comprometer que seja realmente aplicada, sistematicamente, a todos e a cada um dos alunos e, precisamente, em atenção aos objetivos, às capacidades e competências que, teoricamente, seriam o alvo da atividade realizada na turma.

Muitos motivos podem ser aludidos para compreender que a educadora não tenha uma outra prática mais consciente da intencionalidade educativa das atividades que diariamente realiza com os seus alunos. Para já, certamente, a limitação do tempo que dispõe para esses trabalhos de preparação e reflexão. O objetivo do presente trabalho não é apontar soluções. No entanto, pode contribuir para identificar uma necessidade. A necessidade de rever as práticas para garantir o alinhamento necessário para atividades lúdicas com mais forte intencionalidade educativa.

Considerações finais

Este Relatório Final sobre «A Intencionalidade Educativa Nas Atividades Lúdicas», realizado na Escola Superior De Educadores De Infância Maria Ulrich no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e orientado pelo Prof. Doutor António Montiel, partiu da consideração do relevo que as atividades lúdicas alcançam no dia-a-dia do jardim-de-infância e da importância de refletir sobre a intencionalidade que as anima.

Em concreto, procurou-se observar a intencionalidade educativa de algumas atividades lúdicas que apareceram no decorrer da minha prática pedagógica.

Suportados na literatura que sustenta as atividades lúdicas como estratégias e oportunidades de aprendizagem das crianças, mais quanto se refere à presença da intencionalidade educativa no próprio processo de aprendizagem, tentou-se avaliar se a intencionalidade do educador era reconhecido na fase do planeamento da atividade, na definição de objetivos, na condução da atividade e na sua avaliação final.

Em suma, o presente relatório procurou responder a seguinte questão: quais os elementos que permitem reconhecer a intencionalidade educativa em atividades lúdicas?

Suportados no conceito de alinhamento construtivo de Biggs tentou-se obter uma resposta à pergunta formulada através da resposta a estas outras três:

- Quais os elementos da planificação das atividades que revelam a intencionalidade educativa?
- Quais os elementos de condução das atividades que revelam a intencionalidade educativa?
- Quais os elementos da avaliação da atividade que revelam a intencionalidade educativa?

Para obter as respostas, concentrei-me na observação e análise de três atividades da sala orientadas pela educadora, tendo como instrumentos de

observação e recolha de dados, por um lado uma entrevista semiestruturada com a educadora e, por outro lado, um relatório/diário das atividades descritas.

A informação recolhida foi elaborada através de uma grelha manifestações da intencionalidade organizadas por três partes: planificação e definição dos objetivos, condução da atividade e avaliação da atividade.

Certamente, os constrangimentos de espaço e tempo condicionaram a extensão, profundidade e cuidado que teria sido desejável. No entanto, como os próximos capítulos poderão revelar, este Relatório, além de ter constituído uma importante oportunidade de aprendizagem, permitiu alcançar conclusões que se julgam verdadeiramente interessantes.

A primeira conclusão é que, pelo menos nas atividades lúdicas que foram objeto do nosso estudo, existe clara intencionalidade educativa na educadora tanto na programação como na condução da atividade e na interação com as crianças.

A segunda conclusão é que o alinhamento construtivo dessas atividades não está suficientemente garantido porque a definição das atividades é reduzida ao momento da planificação anual sendo incerta a presença no educador desses objetivos de aprendizagem que motivaram a seleção dessa atividade.

A terceira conclusão é que o alinhamento construtivo dessas atividades também não está suficientemente garantido porque não existe um momento formal de balanço e avaliação o que, como foi dito, pode comprometer que seja realmente aplicada, sistematicamente, a todos e a cada um dos alunos e, precisamente, em atenção aos objetivos, às capacidades e competências que, teoricamente, seriam o alvo da atividade realizada na turma.

No entanto, na hora de fazermos o balanço conclusivo deste Relatório final, é justo transcendermos o objeto concreto de estudo que nos ocupou e olharmos novamente aos objetivos pedagógicos que o suportam como estratégia de formação de uma educadora de infância.

Nesta perspetiva, sou, pois, capaz de enunciar uma variada gama de ideias que expressam as conclusões que me são possíveis de inferir.

- 1) O Relatório foi um importante corolário do meu percurso formativo profissionalizante porque me facilitou um olhar sobre a minha vivência da Prática de Ensino Supervisionada que, sem ele, teria sido muito mais pobre.
- 2) O Relatório Final obrigou-me a realizar uma reflexão crítica que me convida a ter uma atitude futura de profissional que, da análise dos problemas do quotidiano, procure soluções bem fundamentadas.
- 3) O Relatório permitiu pôr em prática aquele propósito de estabelecer a dialética de conhecimentos entre a experiência prática (considerada pertinente) e a teoria da formação recebida (construída a partir das tendências que marcam a evolução do conhecimento e influenciam os espaços educativos).
- 4) Também serviu para que o contacto com a educadora, enquanto profissional em exercício, fosse objeto da minha reflexiva fundamentada sobre realidade educativa.
- 5) Este tema de estudo estimulou em mim valores, atitudes e comportamentos que me levarão a ser mais intencional no momento em programo, realizo e avalio as atividades lúdicas no jardim-de-infância compreendendo o conjunto dos recursos educativos da escola e dos parceiros educativos.
- 6) A necessidade de referenciar teórica e metodologicamente o Relatório levou-me, por sua vez, a mobilizar e estruturar conhecimentos e experimentar, pelo exercício fundamentado, as funções de educador.
- 7) Por último, as regulares entrevistas semanais com o professor orientador, permitiram-me ganhar consciência da necessidade de constante revisão da minha estrutura de pensamento e de adequar a linguagem escrita às necessidades do leitor.

E, como foi sendo observado nos capítulos precedentes, foram muitas as constatações relevantes:

- a) A educadora preparar antecipadamente as atividades no plano anual de atividades.

- b) A seleção da atividade lúdica obedece ao critério de ser mais atrativa para os alunos e conduzir a objetivos definidos.
- c) Não tem registo escrito da programação da atividade.
- d) A educadora revela uma contínua preocupação por cuidar os pré-requisitos da realização da atividade.
- e) A educadora atende às necessidades dos alunos no decurso da atividade, ainda que numa atitude aparentemente mais reativa do que proactiva na mediação da intencionalidade educativa.
- f) Mas a avaliação que a educadora faz da atividade é apenas informal sem fazer um registo de como decorre cada atividade ou de como foi que cada aluno correspondeu aos desafios propostos pela educadora.
- g) Consequentemente:
 - As manifestações de intencionalidade educativa menos observadas concentram-se no momento da avaliação da atividade; não aparecem no momento da condução da atividade; e aparecem no momento da planificação, mas apenas no que se refere ao registo por escrito dos objetivos de cada atividade.
 - As manifestações de intencionalidade educativa mais observadas concentram-se tanto no momento da planificação como da condução da atividade e não aparece no momento da avaliação da atividade.

Como dissemos no final do capítulo anterior, muitos motivos podem ser aludidos para compreender que a educadora não tenha uma outra prática mais consciente da intencionalidade educativa das atividades que diariamente realiza com os seus alunos. Para já, certamente, a limitação do tempo que dispõe para esses trabalhos de preparação e reflexão.

Mas também pode obedecer ao facto de o educador não sentir a necessidade de maior investimento na formulação de objetivos e na avaliação formal das atividades. Isto é, pode muito bem acontecer que a simples e aparentemente óbvia ideia do alinhamento construtivo não tenha sido séria e suficientemente considerado pelo educador na sua prática diária.

Por isso, se, como também já dissemos, o objetivo do presente trabalho não era, de modo algum, apontar soluções, no entanto pode ter alguma utilidade prática muito concreta. Pode realmente contribuir para identificar uma necessidade: a necessidade de rever as práticas para garantir o alinhamento necessário para atividades lúdicas com mais forte intencionalidade educativa.

Referências bibliográficas

Afonso, N (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Lisboa: Edições ASA

BIGGS, J. (2003) *Teaching for Quality Learning at University*, 2nd Edition, The Society for Research into Higher Education & Open University Press.

Chateau, J (1959). *O jogo e a criança*

FEUERSTEIN, Reuven, MINTZKER, Y. e FEUERSTEIN, Rafi (2001): *Mediated Learning Experience - Guidelines for Parents*, Jerusalém: ed. ICELP.

FONSECA, V. (1999), *Aprender a Aprender*, Lisboa: Notícias Editorial.

KISHIMOTO, T. M (1998). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira.

Kraemer, Maria Luiza (2007). *Quando brincar é aprender*. Brasil: Edições Loyola

MARTINEZ BELTRÁN, J. M., BRUNET GUTIÉRREZ, J. J., FARRÉS VILARÓ, R. (1991), *Metodología de la Mediación en el PEI*. Madrid: Bruño.

Ministério da educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica

Sousa, Alberto B. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte

TEBAR BELMONTE, L. (2003). *El perfil del profesor mediador*. Madrid: Santillana.

ANEXOS

Jogo da Linda Falua ou Bom Barqueiro

Idade das Crianças: 3, 4, 5 e 6 anos

Número de Participantes: 24 crianças

Material necessário: nenhum

Objectivos: Noções espaciais: á frente e atrás, primeiro e último

Noção de Quantidade e Número (contagem das crianças)

Descrição: Dois participantes combinam entre si, o nome de alguma coisa que gostem e dão as mãos em forma de arco, simbolizando uma ponte.

Os restantes participantes formam uma fila agarrados aos ombros uns dos outros e dirigidos pela “mãe” (criança que vai no inicio da fila).

Os que formam a ponte – Os Barqueiros, cantam: “Que linda falua,

Que lá vem, lá vem

É uma falua

que vem de Belém”

A “Mãe” responde: “Vou pedir ao Sr. Barqueiro

Que me deixe passar

Tenho filhos pequeninos

Não os posso sustentar”

Os Barqueiros respondem: “Passará, passará

Mas algum ficará,

Se não for a mãe da frente

É o filho lá de trás”

A “mãe” passa com os seus filhos por baixo da ponte e quando o último vai a passar, os barqueiros baixam os braços e apanham um filho. Seguidamente perguntam-lhe baixinho (para os outros não ouvirem), as palavras que escolheram, consoante a resposta vai para trás de um ou outro barqueiro.

Recomeça-se novamente a “cantilena” e assim, sucessivamente, até todos os “filhos” ficarem apanhados e atrás dos barqueiros que escolheram. Por fim a mãe, conta os filhos que ficaram em cada um dos barqueiros e de seguida coloca-se no meio da ponte dando as mãos aos barqueiros e os filhos alinhados em fila atrás dos barqueiros, formando uma espécie de corda e puxam com força.

Ganha o que puxar o outro grupo para o seu lado.

Atividade: Jogo da Linda Falua ou Bom Barqueiro

Sala: Recreio

Data: 8 de maio

A educadora da sala Vermelha, sala onde me encontro a estagiar decidiu fazer este jogo por dois motivos: em primeiro lugar por termos feito um projeto sobre o nascimento dos bebês e em segundo lugar preparar as crianças para noções espaciais (frente e trás, primeiro e ultimo) e noção de quantidade e número (contagem das crianças).

No dia nove de maio de 2013 às 11h30, a educadora encaminha as crianças para o recreio e informa que naquele dia iam fazer um jogo. Formam uma fila e a educadora pergunta se alguma das crianças conhece este jogo, a maior parte respondeu que sim.

A educadora escolhe os barqueiros, a E e o M e explica o que têm que fazer: Dois participantes combinam entre si, o nome de alguma coisa que gostem e dão as mãos em forma de arco, simbolizando uma ponte.

Os restantes participantes formam uma fila agarrados aos ombros uns dos outros e dirigidos pela “mãe” (criança que vai no inicio da fila).

Os que formam a ponte – Os **Barqueiros**, cantam: “Que linda falua,
Que lá vem, lá vem
É uma falua
que vem de Belém”

A “**Mãe**” responde: “Vou pedir ao Sr. Barqueiro
Que me deixe passar
Tenho filhos pequeninos
Não os posso sustentar”

Os **Barqueiros** respondem: “Passará, passará
Mas algum ficará,
Se não for a mãe da frente
É o filho lá de trás”

A “**mãe**” passa com os seus filhos por baixo da ponte e quando o último vai a passar, os barqueiros baixam os braços e apanham um filho. Seguidamente perguntam-lhe baixinho (para os outros não ouvirem), as palavras que escolheram, consoante a resposta vai para trás de um ou outro barqueiro.

Recomeça-se novamente a “cantilena” e assim, sucessivamente, até todos os “filhos” ficarem apanhados e atrás dos barqueiros que escolheram. Por fim a mãe, conta os filhos que ficaram em cada um dos barqueiros e de seguida coloca-se no meio da ponte dando as mãos aos barqueiros e os filhos alinhados em fila atrás dos barqueiros, formando uma espécie de corda e puxam com força.

Ganha o que puxar o outro grupo para o seu lado.

A E escolheu a palavra morango e o M escolheu cereja; a mãe era o N e os restantes eram os filhos que formaram a fila atrás do N. a educadora explica que têm que pôr as mãos em cima dos ombros do colega da frente e conta até três para as crianças começarem o jogo.

Começam a cantar e a passar por baixo das mãos dos barqueiros. A criança que é apanhada não gosta e tenta sair, a educadora vai para controlar a situação e explica que não faz mal ser apanhada que todos vão ser apanhados. Assim esta criança escolhe a palavra e vai para trás da barqueira E. A criança seguinte, o R, escolhe o barqueiro M.

Entretanto o M vê que há crianças que fugiram do comboio e que estão a brincar noutra sítio e chama a educadora, esta vai buscar as crianças e volta a pô-las no comboio. E continuaram o jogo. As crianças que escolhiam morango ficavam com a E e os que escolhiam cereja ficavam com o M.

O comboio começa a desmoronar-se mas a educadora controla a situação e começa a cantar com eles.

No final, o último a ser apanhado é a mãe N que escolhe cereja. A E vai contar quantos “filhos” tinha atrás de si, contou 11 crianças; o M contou 5 crianças. Para saber quem ganha a educadora diz para se agarrarem na cintura da pessoa á frente, e os barqueiros que estavam frente agarrar-se nas mãos e puxavam cada um para seu lado. Ganha a barqueira E pois tinha mais filhos.

Grelha de Observação da Intencionalidade Educativa em Atividades Lúdicas no Jardim de Infância. Guião de Entrevista Semiestruturada

Atividade: “Que Linda Falua”

Educador: Cristina Passeiro

Turma: Sala vermelha

Data: 18/06/2013

Observador: Ana Teresa Mourão

Nas próximas páginas encontra-se uma Grelha de Observação que pretende avaliar algumas manifestações indicativas da intencionalidade educativa organizada por três momentos do ato educativo:

A Definição de Objetivos

A Condução da Atividade

A Avaliação da Atividade

No final de cada página surgem duas perguntas a serem apresentadas em entrevista semiestruturada aos educadores que orientaram a atividade.

As pontuações obtidas não significam necessariamente uma melhor ou pior intencionalidade, porque há muitos fatores que podem afetar o desempenho do educador. Por isso é tão importante a avaliação qualitativa do próprio Observador resumida nas alíneas seguintes:

Pontos fortes observados que revelam intencionalidade educativa: a preocupação da educadora para transmitir os objetivos da atividade às crianças e como conduziu a atividade.

Pontos observados que não revelam intencionalidade educativa: A ausência de registos da educadora impede ter uma informação objetiva sobre a intencionalidade da definição de objetivos.

Observação da Intencionalidade na Definição de Objetivos

0	Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação.
1	Não foi observado esse critério durante a sessão observada.
2	Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação.
3	Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência.
4	Apareceu esse critério de forma explícita e frequente.

(1) Tem decidido com antecedência o que vai fazer na aula?					X
(2) A decisão é escolhida seguindo um plano de atividades estabelecida no início do ano ou do período?				X	
(3) Tem clara noção de um objetivo de aprendizagem associado à atividade?				X	
(4) Tem registro escrito do objetivo de aprendizagem da atividade?		X			
(5) Está redigido o objetivo com o verbo no infinitivo que expresse a aprendizagem pretendida?	X				
(6) Revela uma seleção de atividade que julga atrativas para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos?					X

Justificação da avaliação com base na análise dos relatos das atividades e da entrevista:

- (1) A educadora decidiu fazer esta atividade quando eu decide realizar o projeto sobre o nascimento.
- (2) Há plano anual de atividades da escola onde se insere as atividades que se podem realizar durante o ano. No entanto, neste caso fui eu (estagiária) que escolhi fazer este projeto por isso a educadora não escolheu segundo o plano anual de atividades da escola.
- (3) A educadora tem a clara noção do objetivo.
- (4) A educadora não regista por escrito os objetivos.
- (5) Não observei esta situação.
- (6) A educadora escolheu esta atividade por ser divertida para as crianças e ao mesmo tema tem uma intenção.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

1. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

2. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia? Porquê?

A mais difícil é ter redigido os objetivos no dia-a-dia pois temos pouco tempo para escrever. Temos que trabalhar com as crianças.

No entanto, acho que é pertinente e deve estar redigido, teríamos é que arranjar uma estratégia para o fazer.

Em relação a esta atividade, é um jogo tradicional e por isso é feito com alguma frequência mas a preocupação de trabalhar estas situações está sempre lá.

Observação da Intencionalidade na Condução da Atividade

- | | |
|---|---|
| 0 | Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação. |
| 1 | Não foi observado esse critério durante a sessão observada. |
| 2 | Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação. |
| 3 | Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência. |
| 4 | Apareceu esse critério de forma explícita e frequente. |

(1) Tem no início da aula todo o material e organização necessária?					X
(2) Investe na criação de um ambiente propício para a realização da atividade?					X
(3) Apresenta de forma estimulante a atividade aos alunos?				X	
(4) Expressa claramente e dá exemplos ilustrativos de qual é o desafio ou objetivo que se propõe avaliar durante a atividade?			X		
(5) Os alunos mostram serem conscientes do desafio/objetivo da atividade?			X		
(6) Repete e reformula o desafio/objetivo da atividade com frequência?		X			
(7) Mantém contato visual e proximidade para garantir que todos os alunos estejam a corresponder ao solicitado?				X	

(1) Esta atividade não precisa de material.

(2) Sim, investe. Levou as crianças para o recreio para ser uma forma prazerosa para as crianças.

- (3) Explica a atividade de forma estimulante.
- (4) Explicou bem a atividade, no entanto quase todas as crianças já sabiam jogar.
- (5) As crianças conhecem o jogo mas para alguns o objetivo não está bem explícito.
- (6) Sempre que necessário sim. Mas neste caso não foi com muita frequência.
- (7) Manteve-se sempre próxima das crianças ajudando aqueles que precisavam.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

1. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim, mas não devo passar às crianças que as estou a avaliar pois penso que irei estar a condicionar o seu desempenho.

2. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia? Porquê?
Nesta atividade não considero nenhuma difícil de realizar.

Observação da Intencionalidade na Avaliação da Atividade

- | | |
|---|---|
| 0 | Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação. |
| 1 | Não foi observado esse critério durante a sessão observada. |
| 2 | Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação. |
| 3 | Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência. |
| 4 | Apareceu esse critério de forma explícita e frequente. |

(1) Faz um balanço no final da atividade sobre o modo como decorreu?	X				
(2) Consegue diferenciar os alunos que corresponderam ou não corresponderam aos objetivos?			X		
(3) Faz algum registo escrito sobre como decorrem as atividades?	X				
(4) Faz algum registo escrito de avaliação dos alunos nessa atividade?	X				

(1) Não observei esta situação.

(2) A educadora consegue enumerar as crianças que tiveram mais dificuldade pois perguntei-lhe.

(3) A educadora não faz o registo escrito.

(4) A educadora não faz o registo escrito.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

1. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

2. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia?
Porquê?

O registo escrito é o mais difícil. Porque apesar de no final do ano de tirar notas das aquisições da criança para depois voltar a trabalhar essas competências, não há recursos para fazer registos de cada atividade. E também é devido ao horário.

O Intruso

Idade das Crianças: 5 e 6 anos

Número de Participantes: 22 crianças

Material necessário: Vários objectos, ficha de consolidação, lápis de carvão e lápis de cor

Objectivos: Adquirir noção da diferença e o que não faz parte do conjunto (O Intruso)

Descrição: Vou apresentar às crianças em grande grupo, sentadas no tapete conjuntos de 4 objectos, 3 com características comuns e apenas um dos objectos completamente diferente dos outros.

Numa primeira abordagem, solicito a uma criança que identifique qual é o objecto que não pertence aquele conjunto (o intruso). Se não acertar, peço a outra e assim sucessivamente.

Numa segunda abordagem, peço para que sejam as crianças a fazerem esses conjuntos e a pedirem aos colegas que identifiquem o objecto intruso.

Numa terceira abordagem, vou fazer grupos de crianças com características comuns e uma que tenha pelo menos uma característica diferente (Ex: o género), depois peço a uma das crianças que identifique o intruso daquele grupo.

Por fim, faremos uma ficha de consolidação que consiste em assinalar nos vários conjuntos de imagens, qual é a intrusa do conjunto.

Atividade: O intruso**Sala:** Sala Vermelha**Data:** 15 de maio

A instituição onde me encontrei a estagiar tinha o projeto chamado Projeto de atividades comuns (PAC) que consistia em preparar as crianças para o primeiro ciclo. Trata-se de uma hora todos os dias, enquanto os mais novos dormem, estas crianças tem atividades direcionadas para uma preparação escolar. As educadoras mudam todos os meses. Duas ficam na sexta e outras duas ficam no PAC trocando todos os meses, e no princípio de cada mês essas duas educadoras juntam-se e planeiam as atividades que vão realizar durante o mês, seguindo o planejamento que é realizado no princípio do ano. No entanto, cada educadora dentro sala arranja as suas próprias estratégias para realizar a atividade.

A educadora decidiu trabalhar o conceito de conjunto e o que faz parte ou não faz parte dos conjuntos apresentados.

Começou por sentar todas as crianças no tapete e perguntou-lhes as crianças se sabiam o que queria dizer a palavra “intruso”. Nenhuma das 22 crianças conseguiu responder. Então a educadora explicou que é algo que não pertence a um sítio ou conjunto.

Para as crianças perceberem melhor foi buscar quatro livros e um lego, chamou um menino para este identificar o intruso deste conjunto e este acertou sem problema nenhum e explicou porque era o intruso: “o lego não pertencia ao grupo dos livros”.

De seguida pediu a uma das crianças para ser ela a escolher cinco objetos em que um deles fosse um intruso. A criança escolhida andou á volta da sala durante um bocado a ver o que iria escolher, até que pega em quatro caixas de lápis de cera e pega numa boneca. Pôs os objetos na mesa e escolheu um

amigo para adivinhar qual era o intruso. A criança também acertou sem problema, pegando na boneca como a intrusa.

A educadora, seguidamente, tem outra ideia e chama quatro rapazes e uma rapariga e pergunta qual é o intruso e todas as crianças respondem corretamente. Depois, para se tornar mais difícil, a educadora escolhe cinco meninas e perguntou qual delas era a intrusa e as crianças aí ficaram a pensar mais. Quatro das raparigas eram morenas e uma loira, mas as crianças respondiam outras coisas diferentes como diferenças na roupa, demoraram algum tempo a chegar ao critério da cor do cabelo que era o idealizado pela educadora na constituição do grupo.

A educadora fez mais uma vez um conjunto com as crianças e estas iam adivinhando as diferenças de cada um. Finalizando esta parte, a educadora manda a todos para se sentarem nas mesas e distribui uma ficha de consolidação. Esta ficha consistia em marcar com uma cruz o objeto intruso. A ficha para alguns correu bem para outros levou algum tempo a ser resolvida.

Grelha de Observação da Intencionalidade Educativa em Atividades Lúdicas no Jardim de Infância. Guião de Entrevista Semiestruturada

Atividade: “O intruso”

Educador: Cristina Passeiro

Turma: Sala vermelha

Data: 18/06/2013

Observador: Ana Teresa Mourão

Nas próximas páginas encontra-se uma Grelha de Observação que pretende avaliar algumas manifestações indicativas da intencionalidade educativa organizada por três momentos do ato educativo:

A Definição de Objetivos

A Condução da Atividade

A Avaliação da Atividade

No final de cada página surgem duas perguntas a serem apresentadas em entrevista semiestruturada aos educadores que orientaram a atividade.

As pontuações obtidas não significam necessariamente uma melhor ou pior intencionalidade, porque há muitos fatores que podem afetar o desempenho do educador. Por isso é tão importante a avaliação qualitativa do próprio Observador resumida nas alíneas seguintes:

Pontos fortes observados que revelam intencionalidade educativa: A educadora preocupou-se em antes de fazerem a ficha de consolidação, de fazerem algo mais dinâmico para as crianças perceberem melhor o que está a ser ensinado.

Pontos observados que não revelam intencionalidade educativa:

A ausência de registos da educadora impede ter uma informação objetiva sobre a intencionalidade da definição de objetivos.

Observação da Intencionalidade na Definição de Objetivos

- | | |
|---|---|
| 0 | Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação. |
| 1 | Não foi observado esse critério durante a sessão observada. |
| 2 | Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação. |
| 3 | Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência. |
| 4 | Apareceu esse critério de forma explícita e frequente. |

(1) Tem decidido com antecedência o que vai fazer na aula?					X
(2) A decisão é escolhida seguindo um plano de atividades estabelecida no início do ano ou do período?			X		
(3) Tem clara noção de um objetivo de aprendizagem associado à atividade?				X	
(4) Tem registro escrito do objetivo de aprendizagem da atividade?			X		
(5) Está redigido o objetivo com o verbo no infinitivo que expresse a aprendizagem pretendida?					X
(6) Revela uma seleção de atividade que julga atrativas para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos?					X

Justificação da avaliação com base na análise dos relatos das atividades e da entrevista:

- (1) A educadora para este contexto, que só trabalha com as crianças mais velhas, faz o planeamento no princípio do mês com outra educadora para o resto do mês com as atividades todas delineadas.
- (2) A decisão neste caso é escolhida no início de cada mês.
- (3) Aqui o objetivo está claro, devido ao planeamento que fez anteriormente.
- (4) A educadora tem um registo escrito que fazem no princípio do ano, com os objetivos. Posteriormente é que delineiam as atividades segundo esses objetivos feitos no princípio do ano.
- (5) No registo dos objetivos está escrito o verbo no infinito.
- (6) A educadora seleciona as atividades segundo os objetivos delineados no princípio do ano tentando sempre dar o seu toque pessoal, como dinamizar antes das crianças realizarem a ficha de consolidação.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

3. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

4. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia?
Porquê?

Encontro mais dificuldade em redigir os objetivos. No entanto, os objetivos estão escritos no plano curricular. Não é escrito no dia-a-dia pois já foi feito anteriormente.

Aqui na escola delineamos os objetivos para cada área de desenvolvimento e as estratégias a implementar para os alcançar.

Observação da Intencionalidade na Condução da Atividade

- | | |
|---|---|
| 0 | Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação. |
| 1 | Não foi observado esse critério durante a sessão observada. |
| 2 | Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação. |
| 3 | Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência. |
| 4 | Apareceu esse critério de forma explícita e frequente. |

(1) Tem no início da aula todo o material e organização necessária?					X
(2) Investe na criação de um ambiente propício para a realização da atividade?					X
(3) Apresenta de forma estimulante a atividade aos alunos?					X
(4) Expressa claramente e dá exemplos ilustrativos de qual é o desafio ou objetivo que se propõe avaliar durante a atividade?					X
(5) Os alunos mostram serem conscientes do desafio/objetivo da atividade?				X	
(6) Repete e reformula o desafio/objetivo da atividade com frequência?				X	
(7) Mantém contato visual e proximidade para garantir que todos os alunos estejam a corresponder ao solicitado?					X

(1) A educadora prepara todo o material antes de começar as atividades.

- (2) Sim, a educadora investe para que as crianças estejam confortáveis para a realização das atividades. Sentadas no tapete em silêncio para ouvirem com atenção.
- (3) Apresenta a atividade sempre de uma forma a interessar as crianças perguntando primeiro se as crianças sabem para esta puderem participar também.
- (4) É educadora nesta atividade deu exemplos práticos do tema. Mostrando objetos e até uso as crianças como exemplo.
- (5) As crianças ao princípio não perceberam muito bem do que se tratava no entanto com os exemplos da educadora facilitaram.
- (6) Sim, repete sempre que necessário.
- (7) Tenta chegar a todas as crianças e ajudá-las no que precisam.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

- 3. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

- 4. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia? Porquê?
Na condução da atividade não sinto dificuldade nestes vários itens, principalmente aqui que tenho menos crianças que o habitual.

Observação da Intencionalidade na Avaliação da Atividade

- 0 Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação.
- 1 Não foi observado esse critério durante a sessão observada.
- 2 Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação.
- 3 Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência.
- 4 Apareceu esse critério de forma explícita e frequente.

(1) Faz um balanço no final da atividade sobre o modo como decorreu?	X				
(2) Consegue diferenciar os alunos que corresponderam ou não corresponderam aos objetivos?			X		
(3) Faz algum registo escrito sobre como decorrem as atividades?	X				
(4) Faz algum registo escrito de avaliação dos alunos nessa atividade?	X				

(1) Esta situação não ocorreu.

(2) A educadora no final teve uma pequena conversa comigo sobre a evolução de cada criança.

(3) A educadora não regista por escrito o resultado das atividades.

(4) A educadora não regista por escrito a avaliação de cada criança.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

3. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

4. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia?
Porquê?

O mais difícil de realizar no dia-a-dia é de facto o registo escrito da avaliação, o nosso horário não nos dá tempo para poder avaliar. Tenho noção da evolução pelo que observação mas não registo.

Geoplano

Idade das Crianças: 3,4,5 e 6 anos

Número de Participantes: 4 crianças de cada vez

Material necessário: Geoplano, elásticos coloridos de vários tamanhos

Objetivos:

- Conceitos geométricos de forma lúdica;
- Conhecer as figuras geométricas;
- Explorar o espaço de forma a permitir representar as diferentes formas, diferenciar e nomear;
- Iniciar o desenvolvimento da percepção visual de formas geométricas planas;
- Comparar, ampliar e reduzir formas e figuras;
- Fazer uso de nomenclatura adequada às formas;
- Desenvolver o raciocínio lógico;
- Noção de espaço, através da manipulação dos materiais;
- Conhecer as cores (devido à utilização dos elásticos coloridos)
- Reconhecer o maior, menor e o médio; Pequeno e grande
- Desenvolver o sentido estético.

Descrição: Vou apresentar às crianças em pequeno grupo (4 crianças de cada vez) o Geoplano e os elásticos de diferentes cores e tamanhos, estaremos sentados numa mesa.

Numa primeira abordagem, solicito que a criança experimente o material e depois consoante a idade peço-lhe para representar uma figura geométrica.

Numa segunda abordagem, solicito que faça outra igual mas com um tamanho diferente, no caso de serem crianças mais velhas, ainda solicito que faça um outro tamanho, para de seguida perguntar qual a maior, menor e a média, caso seja uma criança mais nova, peço apenas para nomear a maior e a menor ou a

grande e a pequena. Peço também para me descreverem o número de lados e quantos bicos têm.

Numa terceira abordagem peço para fazer uma figura geométrica diferente da anterior, nos vários tamanhos e vou questionando novamente em relação ao tamanho e às diferenças entre elas.

Atividade: Geoplano

Sala: Sala Vermelha

Data: 17 de junho

Estas duas últimas semanas temos estado a trabalhar as formas geométricas, então a educadora decidiu realizar uma atividade que se chama geoplano. É uma placa de madeira com um género de pregos e tem à parte uns elásticos de várias cores.

Este jogo consiste em formar formas geométricas com os elásticos.

A educadora juntou numa mesa quatro crianças, e uma a uma ia fazendo o jogo. Quem começou foi a M (6 anos), a educadora pediu-lhe para fazer um triângulo vermelho; a criança procurou o elástico vermelho e formou o triângulo sem qualquer dificuldade, depois pediu para formar um quadrado azul e a criança fez mais uma vez sem dificuldade, de seguida pediu para formar um retângulo, aqui a criança já teve dificuldade pois já não havia espaço, quer dizer para a criança não havia espaço, esta parte é pouco difícil pois a criança não tinha noção como dar a volta à situação. Por isso a educadora explicou se M tirasse o triângulo mais para o lado ou o fizesse mais pequeno poderia caber.

Seguidamente, era a vez do G (5 anos), a educadora aqui tentou dificultar um pouco, pediu para o G fazer um retângulo grande, médio e pequeno da cor de ele quisesse. O G começou pelo pequeno, depois fez o médio e quando chegou ao grande não sabia o que fazer, ficou ainda tempo a pensar depois disse que não sabia fazer. A educadora ajudou, tirou tudo e disse para ele começar com o grande, a criança fez e ai já conseguiu. Como gostou muito de ter resolvido, pediu para fazer mais e a educadora deixou, e desta vez deixou fazer sozinho, ele fez um triângulo e quadrado. Já a MB (4 anos) teve muita dualidade em fazer, precisou de ajuda em quase todas as formas, mas também isto trata-se de um jogo para as crianças um pouco mais velhas. A atividade teve que acabar aqui pois já se tratava das horas do recreio.

Grelha de Observação da Intencionalidade Educativa em Atividades Lúdicas no Jardim de Infância. Guião de Entrevista Semiestruturada

Atividade: “Geoplano”

Educador: Cristina Passeiro

Turma: Sala vermelha

Data: 18/06/2013

Observador: Ana Teresa Mourão

Nas próximas páginas encontra-se uma Grelha de Observação que pretende avaliar algumas manifestações indicativas da intencionalidade educativa organizada por três momentos do ato educativo:

A Definição de Objetivos

A Condução da Atividade

A Avaliação da Atividade

No final de cada página surgem duas perguntas a serem apresentadas em entrevista semiestruturada aos educadores que orientaram a atividade.

As pontuações obtidas não significam necessariamente uma melhor ou pior intencionalidade, porque há muitos fatores que podem afetar o desempenho do educador. Por isso é tão importante a avaliação qualitativa do próprio Observador resumida nas alíneas seguintes:

Pontos fortes observados que revelam intencionalidade educativa: A constante estimulação da educadora durante a atividade. Motivando as crianças.

Pontos observados que não revelam intencionalidade educativa: A ausência de registos da educadora impede ter uma informação objetiva sobre a intencionalidade da definição de objetivos.

Observação da Intencionalidade na Definição de Objetivos

0	Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação.
1	Não foi observado esse critério durante a sessão observada.
2	Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação.
3	Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência.
4	Apareceu esse critério de forma explícita e frequente.

(1) Tem decidido com antecedência o que vai fazer na aula?				X	
(2) A decisão é escolhida seguindo um plano de atividades estabelecida no início do ano ou do período?				X	
(3) Tem clara noção de um objetivo de aprendizagem associado à atividade?				X	
(4) Tem registo escrito do objetivo de aprendizagem da atividade?	X				
(5) Está redigido o objetivo com o verbo no infinitivo que expresse a aprendizagem pretendida?	X				
(6) Revela uma seleção de atividade que julga atrativas para os alunos com a preocupação de alcançar os objetivos definidos?				X	

Justificação da avaliação com base na análise dos relatos das atividades e da entrevista:

- (1) A educadora decidiu fazer esta atividade relacionada com o projeto da semana formas geométricas.
- (2) Esta decisão é feita segundo o plano anual de atividades da instituição.
- (3) Tem clara noção do objetivo sim.
- (4) Não tem um registo escrito do objetivo da aprendizagem.
- (5) Este redigido no plano anual de atividades.

(6) Revela.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

1. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

2. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia?
Porquê?

O mais difícil é o mesmo que tem sido nas outras atividades, é conseguir redigir os objetivos. Temos um planeamento semanal que está escrito nas atividades que vamos realizar durante a semana, no entanto não tem os objetivos.

Observação da Intencionalidade na Condução da Atividade

0	Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação.
1	Não foi observado esse critério durante a sessão observada.
2	Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação.
3	Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência.
4	Apareceu esse critério de forma explícita e frequente.

(1) Tem no início da aula todo o material e organização necessária?					X
(2) Investe na criação de um ambiente propício para a realização da atividade?					X
(3) Apresenta de forma estimulante a atividade aos alunos?		X			
(4) Expressa claramente e dá exemplos ilustrativos de qual é o desafio ou objetivo que se propõe avaliar durante a atividade?			X		
(5) Os alunos mostram serem conscientes do desafio/objetivo da atividade?			X		
(6) Repete e reformula o desafio/objetivo da atividade com frequência?					X
(7) Mantém contato visual e proximidade para garantir que todos os alunos estejam a corresponder ao solicitado?					X

- (1) Já tinha tudo preparado numa pequena para trabalhar com um pequeno grupo.
- (2) Investiu num ambiente calmo, pois decidiu fazer com um grupo de quatro crianças e fazendo uma a uma, ou seja, proporcionou um momento mais individual que também é importante para a criança.
- (3) Nesta atividade não se mostrou muito estimulante ao apresentá-la pois ia chamando as crianças à medida que iam acabando as outras atividades. Então as crianças não sabiam o que iam fazer.

- (4) Os alunos aqui só se mostraram conscientes um pouco depois de realizarem algumas tentativas.
- (5) Nesta atividade a educadora repetiu várias vezes o desafio pois as crianças tiveram alguma dificuldade.
- (6) Mostrou um grande contacto com as crianças pois era uma criança de cada vez enquanto mais três observavam então pode dar toda a atenção possível.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

1. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

2. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia?
Porquê?

Nesta atividade não mostrei de uma forma estimulante a atividade aos alunos porque estavam outras atividades a decorrer, esta foi mais um apoio.

Observação da Intencionalidade na Avaliação da Atividade

- 0 Observaram-se atitudes claramente contrárias a esse critério de mediação.
- 1 Não foi observado esse critério durante a sessão observada.
- 2 Ao de leve (ou indiretamente) apareceu esse critério de mediação.
- 3 Apareceu esse critério de forma explícita, com pouca frequência.
- 4 Apareceu esse critério de forma explícita e frequente.

(1) Faz um balanço no final da atividade sobre o modo como decorreu?				X	
(2) Consegue diferenciar os alunos que corresponderam ou não corresponderam aos objetivos?				X	
(3) Faz algum registo escrito sobre como decorrem as atividades?	X				
(4) Faz algum registo escrito de avaliação dos alunos nessa atividade?	X				

- (1) Nesta atividade a educadora conversou comigo sobre o resultado desta atividade.
- (2) Na conversa que tivemos a educadora falou das crianças e como cada uma tinha reagido á atividade.
- (3) Não fez registo escrito.
- (4) Não fez registo escrito.

Perguntas complementares de entrevista semiestruturada ao educador

1. Reconhece que estas ideias manifestam a intencionalidade educativa das atividades lúdicas? Sim.

2. Quais dessas manifestações são mais difíceis de realizar no dia-a-dia?
Porquê?

Aqui realmente o mais difícil é redigir a avaliação. Em relação aos primeiros pontos, tive uma conversa com a Ana sobre o resultado da atividade